



Resumão

Abril

Arcadismo

Resumo

O Arcadismo

A corrente literária árcade, influenciada pelos ideais do Iluminismo no século XVIII, visava retornar alguns marcos artísticos do período renascentista. Com o intuito de promover o racionalismo na poesia - uma vez que se opuseram ao estilo Barroco - o Arcadismo é caracterizado pela temática mais pastoril e bucólica, contrariando os apegos materialistas que marcavam aquele momento e resgatando alguns aspectos da cultura clássica.

Contexto histórico

Os acontecimentos mais importantes do século XVII e que marcaram o Arcadismo foram:

- 1715 – 1789 - Iluminismo;
- 1789 - Revolução Francesa;
- 1789 - Inconfidência Mineira (No Brasil);
- 1798 - Conjuração Baiana (No Brasil);



(Revolução Francesa, 1789.)



Leitura da sentença dos inconfidentes, Leopoldino Faria.

Características do Arcadismo

Veja, abaixo, algumas das principais características do Arcadismo:

- Bucolismo;
- Pastoralismo;
- Uso da razão;
- Temática universalista;
- Valorização da cultura greco-romana;
- Objetividade;
- Contraste entre a simplicidade da vida X apegos materiais;
- Convencionalismo amoroso;
- Contraste entre o ambiente urbano e o ambiente campestre;

Obs.: O sentimento de evasão ao campo era imaginário, pois a maioria dos árcades pertenciam ao cenário burguês e naquele momento iniciava-se um período de urbanização nas cidades e a transição do êxodo rural. Podemos perceber, portanto, que essa “fuga” ao campo é uma simulação, um fingimento poético.

Em relação à linguagem e forma estrutural das poesias árcades, temos a presença de:

- Sonetos;
- Versos decassílabos;
- Ordem direta (da estrutura sintática);
- Linguagem mais simples.

Lemas Árcades

Conhecidos como lemas árcades, estes são expressões latinas que remetem aos valores de uma vida simples, sem apegos materiais e que valorize as pequenas coisas da vida. Veja quais são:

- *Carpe Diem* (Aproveitar a vida, viver o momento);
- *Locus Amoenus* (*Lugar ameno, significa um lugar simples, um refúgio longe dos centros urbanos*);
- *Fugere Urbem* (Fuga da cidade, remetendo à felicidade da vida no campo, em contraste com o caos urbano);
- *Aurea Mediocritas* (Desvínculo à vida material, que segundo os árcades era considerada uma vida medíocre, ou seja, na média, balanceada, equilibrada, livre de excessos);
- *Inutilia Truncat* (“cortar o inútil”, ou seja, afastar-se da infelicidade que o apego material pode causar).

Principais Autores No Brasil

Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Basílio da Gama, Silva Alvarenga e Santa Rita Durão.

Cartas Chilenas

No Brasil, durante o período da Inconfidência Mineira, muitos autores e intelectuais eram engajados politicamente e lutavam contra as tiranias do governo. As cartas chilenas tratam-se de poemas que criticavam o abuso de poder e satirizavam os desmandos administrativos da região mineira, além disso, por medo de serem perseguidos, os escritores omitiam a seus nomes, embora a hipótese melhor aceita na atualidade seja a da autoria de Tomás Antônio Gonzaga, com colaborações pontuais de Cláudio Manuel da Costa sobre tais textos. Leia um trecho de uma das cartas, que aborda sobre os despachos e os contratos:

“Os grandes, Doroteu, da nossa Espanha
Têm diversas herdades: uma delas
Dão trigo, dão centeio e dão cevada,
As outras têm cascatas e pomares,
Com outras muitas peças, que só servem,
Nos calmosos verões, de algum recreio.
Assim os generais da nossa Chile
Têm diversas fazendas: numas passam
As horas de descanso, as outras geram
Os milhos, os feijões e os úteis frutos
Que podem sustentar as grandes casas.”

Disponível em: http://pt.poesia.wikia.com/wiki/Cartas_Chilenas/VIII

Exercícios

1. Torno a ver-vos, ó montes; o destino
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,

Aqui descanse a louca fantasia,
E o que até agora se tornava em pranto
Se converta em afetos de alegria.

(Cláudio Manoel da Costa. In: Domicio Proença Filho. *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 78-9.)

Assinale a opção que apresenta um verso do soneto de Cláudio Manoel da Costa em que o poeta se dirige ao seu interlocutor.

- a) "Torno a ver-vos, ó montes; o destino" (v.1)
 - b) "Aqui estou entre Almendro, entre Corino," (v.5)
 - c) "Os meus fiéis, meus doces companheiros," (v.6)
 - d) "Vendo correr os míseros vaqueiros" (v.7)
 - e) "Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto," (v.11)
2. Considere as afirmativas sobre Barroco e o Arcadismo:
- 1. Simplificação da língua literária – ordem direta – imitação dos antigos gregos e romanos.
 - 2. Valorização dos sentidos – imaginação exaltada – emprego dos vocábulos raros.
 - 3. Vida campestre idealizado como verdadeiro estado de poesia-clareza-harmonia.
 - 4. Emprego frequente de trocadilhos e de perífrases – malabarismos verbais – oratória.
 - 5. Sugestões de luz, cor e som – antítese entre a vida e a morte – espírito cristão anti terreno.

Assinale a opção que só contém afirmativas sobre o Arcadismo.

- a) 1, 4 e 5.
- b) 2, 3 e 5.
- c) 2, 4 e 5.
- d) 1 e 3.
- e) 1, 2 e 5.

3. Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...)

aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

(Tomás Antônio Gonzaga)

Nos versos acima:

- a) O eu-lírico, ao lamentar as transformações notadas em seu corpo e alma pela passagem do tempo, revela-se amoroso homem de meia-idade.
- b) Que retomam tema e estrutura de uma “canção de amigo”, está expresso o estado de alma de quem sente a ausência do ser amado.
- c) Nomeia-se diretamente a figura ironizada pelo eu-lírico, a mulher a quem se poderiam fazer convites amorosos mais ousados.
- d) Em que se notam diálogo e estrutura paralelística, o ponto de vista dominante é o do amante que vê seus sentimentos antagônicos refletidos na natureza.
- e) A natureza é o espaço onde o amado se sente à vontade para expressar diretamente à amada suas inclinações sensuais.

4. Leia o soneto “VII”, de Cláudio Manuel da Costa, para responder à questão abaixo.

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.
Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!
Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.
Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

(Cláudio Manuel da Costa. Obras, 2002.)

O tom predominante no soneto é de

- a) ingenuidade.
- b) apatia.
- c) ira.
- d) ironia.
- e) perplexidade.

5. Sobre o Arcadismo no Brasil, podemos afirmar que:
- produziu obras de estilo rebuscado, pleno de antíteses e frases tortuosas, que refletem o conflito entre matéria e espírito.
 - não apresentou novidades, sendo mera imitação do que se fazia na Europa.
 - além das características europeias, desenvolveu temas ligados à realidade brasileira, sendo importante para o desenvolvimento de uma literatura nacional.
 - apresenta já completa ruptura com a literatura europeia, podendo ser considerado a primeira fase verdadeiramente nacionalista da literatura brasileira.
 - presente sobretudo em obras de autores mineiros como Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga e Basílio da Gama, caracteriza-se como expressão da angústia metafísica e religiosa desses poetas, divididos entre a busca da salvação e o gozo material da vida.

6. O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os impérios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despoeva a terra
Também o mau tirano.
Consiste o ser herói em viver justo:
E tanto pode ser herói o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou herói, Marília bela,
Seguindo da virtude a honrosa estrada:
Ganhei, ganhei um trono,
Ah! não manchei a espada,
Não o roubei ao dono!
Ergui-o no teu peito e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Uns tão ditosos laços.

Aos bárbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos e cuidados;
Nem descansam seguros
Nos Palácios, cercados
De tropa e de altos muros.
E a quantos não nos mostra a sábia História
A quem mudou o fado em negro opróbrio
A mal ganhada glória!

(GONZAGA, Tomás Antônio. *A poesia dos inconfidentes*. Org. Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1996. 5a, 6a e 7a estrofes da Lira XXVII. pp. 616/617.)

As referências a Marília revelam:

- a declaração de amor implícita a uma jovem.
- o uso de pseudônimos da convenção pastoril.
- a referência a uma dama que devia ficar oculta.
- o desejo de transformar a amada em objeto poético.
- a afirmação implícita de que queria casar-se.

7. Soneto VII

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quando pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera.

(COSTA, C.M. Poemas. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. Acesso em 7 jul 2012)

No soneto de Claudio Manuel da Costa, a contemplação da paisagem permite ao eu lírico uma reflexão em que transparece uma

- a) angústia provocada pela sensação de solidão.
- b) resignação diante das mudanças do meio ambiente.
- c) dúvida existencial em face do espaço desconhecido.
- d) intenção de recriar o passado por meio da paisagem.
- e) empatia entre os sofrimentos do eu e a agonia da terra.

8. Torno a ver-vos, ó montes; o destino
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,

Aqui descansa a louca fantasia,
E o que até agora se tornava em pranto
Se converta em afetos de alegria.

(Cláudio Manoel da Costa. In: Domício Proença Filho. *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 78-9.)

Considerando o soneto de Cláudio Manoel da Costa e os elementos constitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da relação entre o poema e o momento histórico de sua produção.

- a) Os “montes” e “outeiros”, mencionados na primeira estrofe, são imagens relacionadas à metrópole, ou seja, ao lugar onde o poeta se vestiu com traje “rico e fino”.
- b) A oposição entre a Colônia e a Metrópole, como núcleo do poema, revela uma contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano da Metrópole e a rusticidade da terra da Colônia.
- c) O bucolismo presente nas imagens do poema é elemento estético do Arcadismo que evidencia a preocupação do poeta árcade em realizar uma representação literária realista da vida nacional.
- d) A relação de vantagem da “choupana” sobre a “Cidade”, na terceira estrofe, é formulação literária que reproduz a condição histórica paradoxalmente vantajosa da Colônia sobre a Metrópole.
- e) A realidade de atraso social, político e econômico do Brasil Colônia está representada esteticamente no poema pela referência, na última estrofe, à transformação do pranto em alegria.

9. Texto 1

Eu quero uma casa no campo
do tamanho ideal
pau-a-pique e sapê
Onde eu possa plantar meus amigos
meus discos
meus livros
e nada mais.

(Zé Rodrix e Tavitó)

Texto 2

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia,
Que da cidade o lisonjeiro encanto;

Aqui descanse a louca fantasia;
E o que té agora se tornava em pranto,
Se converta em afetos de alegria.

(Cláudio Manuel da Costa)

Embora muito distantes entre si na linha do tempo, os textos aproximam-se, pois o ideal que defendem é:

- a) O uso da emoção em detrimento da razão, pois esta retira do homem seus melhores sentimentos.
- b) O desejo de enriquecer no campo, aproveitando as riquezas naturais.
- c) A dedicação à produção poética junto à natureza, fonte de inspiração dos poetas.
- d) o aproveitamento do dia presente - o *carpe diem*-, pois o tempo passa rapidamente.
- e) o sonho de uma vida mais simples e natural, distante dos centros urbanos.

10. Ornemos nossas testas com as flores

E façamos de feno um brando leito;
Predamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos amores.

Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre,
E para nós o tempo, que se passa,
Também, Marília, morre.

(TAG, MD, Lira XIV)

Todas as alternativas a seguir apresentam características do Arcadismo, presentes na estrofe anterior, exceto:

- a) Ideal de *Aurea mediocritas*, que leva o poeta a exaltar o cotidiano prosaico da classe média.
- b) Tema do *Carpe diem* – uma proposta para se aproveitar a vida, desfrutando o ócio com dignidade.
- c) Ideal de uma existência tranquila, sem extremos, espalhada na pureza e amenidade da natureza.
- d) Fugacidade do tempo, fatalidade do destino, necessidade de envelhecer com sabedoria.
- e) Concepção da natureza como permanente reflexo dos sentimentos e paixões do “eu” lírico.

Gabarito

1. **A**

No trecho "Torno a ver-vos, ó montes; o destino", a colocação pronominal "vos" alude à 2ª pessoa do plural, isto é, com quem se fala. Além disso, temos a presença do vocativo "ó montes", que reforça a quem o eu lírico se dirige, ao cenário natural.

2. **D**

Os itens 1 e 3 apresentam características do Arcadismo, uma vez que a escola literária barroca utilizava o jodo de palavras e estratégias argumentativas para desenvolver a produção literária, além da principal temática ser centralizada entre a disputa de fé e razão. Desse modo, os itens 2, 4 e 5 representam aspectos presentes no movimento literário Barroco.

3. **E**

No Arcadismo, o ambiente natural é utilizado, muitas vezes, como cenário para a expressão do convencionalismo amoroso. Neste sentido, o eu lírico usufrui desse cenário para expressar à amada sobre as suas e inclinações amorosas, a fim de aproveitarem o presente enquanto os amantes ainda são jovens.

4. **E**

A relação do eu-lírico com a nova apresentação do ambiente é, no primeiro momento, de perplexidade, uma vez que suas lembranças são opostas ao que vê no momento presente.

5. **C**

Apesar da influência europeia sobre o Arcadismo no Brasil, os poemas conseguiram também dialogar com o contexto histórico brasileiro, vide que os poemas, muitas vezes, aludem ao movimento da Inconfidência Mineira e a política local.

6. **B**

Em primeiro lugar, percebe-se que o eu lírico deixa explícito a quem se direciona: sua amada Marília. Em verdade, o autor Tomás Antônio Gonzaga alude à jovem Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão, a quem se referia nas obras líricas como Marília. A figura da amada, entretanto, também se tornou uma construção do convencionalismo amoroso, pois Marília representa nas obras o perfil ideal de uma pastora idílica e terna, reforçando a noção do Pastoralismo a partir do uso de pseudônimos.

7. **E**

No poema de Cláudio Manoel da Costa, o eu lírico contrasta o ambiente natural e sereno de outrora - que alude ao sentimento bucólico e ao pastoralismo árcade -, com o ambiente natural, que se tornou diferente e perdeu parte de seu encanto, como pode ser visto no trecho "nem troncos vejo agora decadentes", e que não traz mais ao eu lírico a sensação de bem-estar e conforto, neste sentido, ele se sente empático com os sofrimentos da terra.

8. **B**

Uma das características presentes no Arcadismo é o contraste entre o campo e a cidade. Para o eu lírico, a metrópole representa o anseio pelo materialismo, a civilização; já o campo alude à simplicidade da vida e aos pequenos prazeres e felicidades, como pode ser evidenciado nos últimos versos "E o que até agora se tornava em pranto/ Se converta em afetos de alegria".

9. E

Ambos os textos valorizam os lemas árcades “Locus Amoenus” e “Fugere Urbem”, pois anseiam a vivência na simplicidade do campo, distante dos apegos materiais do meio urbano.

10. A

O poema de Tomás Antônio Gonzaga valoriza a efemeridade da vida e o ambiente natural como cenário do convencionalismo amoroso. No entanto, o lema árcade “Aurea Mediocritas”, que significa o desapego à vida urbana e ao materialismo não é mencionado no poema, já que o eu lírico não alude ao cenário urbano.

Exercícios sobre Literatura Colonial

Exercícios

1. José de Anchieta faz parte de um período da história cultural brasileira (século XVI) em que se destacaram manifestações específicas: a chamada “literatura informativa” e a “literatura jesuítica”. Assinale a alternativa que apresenta um excerto característico desse período.

- a) Fazer pouco fruto a palavra de Deus no mundo pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. (Pe. Antônio Vieira)
- b) Triste Bahia! ó quão dessemelhante / Estás e estou do nosso antigo estado, / Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado, / Rica te vi eu já, tu a mim abundante. (Gregório de Matos)
- c) Uma planta se dá também nesta Província, que foi da ilha de São Tomé, com a fruta da qual se ajudam muitas pessoas a sustentar a terra. [...] A fruta dela se chama banana. (Pero de Magalhães Gândavo)
- d) Vós haveis de fugir ao som de padre-nossos, / Frutos da carne infel, seios, pernas e braços, / E vós, múmias de cal, dança macabra de ossos! (Alphonsus de Guimaraens)
- e) Os ritos semibárbaros dos Piagas, / Cultores de Tupã e a terra virgem / Donde como dum trono enfim se abriram / Da Cruz de Cristo os piedosos braços. (Gonçalves Dias)

2. **Texto I**

“É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.”

Texto II

“Depois que nos ferir a mão da morte,
ou seja neste monte, ou noutra serra,
nossos corpos terão, terão a sorte
de consumir os dous a mesma terra.”

O texto I é barroco; o texto II é arcádico. Comparando-os, é possível afirmar que os arcades optaram por uma expressão:

- a) impessoal e, portanto, diferenciada do sentimentalismo barroco, em que o mundo exterior era projeção do caos interior do poeta.
- b) despojada das ousadias sintáticas da estética anterior, com predomínio da ordem direta e de vocábulos de uso corrente.
- c) que aprofunda o naturalismo da expressão barroca, fazendo que o poeta assuma posição eminentemente impessoal.
- d) em que predominam, diferentemente do Barroco, a antítese, a hipérbole, a conotação poderosa.
- e) em que a quantidade de metáforas e de torneios de linguagem supera a tendência denotativa do Barroco.

3. “Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que vive de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelado e dos sóis queimado.

Tenho próprio casal e nele assisto
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!”

O texto tem traços que caracterizam o período literário ao qual pertence. Uma qualidade patente nesta estrofe é:

- a) o bucolismo;
 - b) o misticismo;
 - c) o nacionalismo;
 - d) o regionalismo;
 - e) o indianismo.
4. Sobre a literatura produzida no primeiro século da vida colonial brasileira, é correto afirmar que:
- a) é formada principalmente de poemas narrativos e textos dramáticos que visavam à catequese.
 - b) Inicia com a prosopopeia, de Bento Teixeira.
 - c) É constituída por documentos que informam acerca da terra brasileira e pela literatura jesuítica
 - d) Os textos que a constituem apresentam evidentemente preocupação artística e pedagógica.
 - e) Descreve com fidelidade e sem idealizações a terra e o homem, ao relatar as condições encontradas no Novo Mundo.
5. A “literatura jesuíta”, nos primórdios de nossa história:
- a) grande valor informativo;
 - b) marca nossa maturação clássica;
 - c) visa à catequese do índio, à instrução do colono e sua assistência religiosa e moral;
 - d) está a serviço do poder real;
 - e) tem fortes doses de nacionalistas.

6. Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio.

VIEIRA, A. Sermões. Tomo XI. Porto: Lello & Irmão, 1951 (adaptado).

O trecho do sermão do Padre Antônio Vieira estabelece uma relação entre a Paixão de Cristo e:

- a) a atividade dos comerciantes de açúcar nos portos brasileiros.
- b) a função dos mestres de açúcar durante a safra de cana.
- c) o sofrimento dos jesuítas na conversão dos ameríndios.
- d) o papel dos senhores na administração dos engenhos.
- e) o trabalho dos escravos na produção de açúcar.

7. Sou Pastor; não te nego; os meus montados
São esses, que aí vês; vivo contente
Ao trazer entre a relva florescente
A doce companhia dos meus gados.

Os versos acima são exemplos:

- a) do espírito harmonioso da poesia arcádica.
 - b) do estilo tortuoso do período barroco.
 - c) do refinamento e da ostentação da poesia parnasiana.
 - d) do intento nacionalista na poesia romântica.
 - e) do humor e do lirismo dos primeiros modernistas.
8. O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas. (...) Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há-de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras.

(Vieira, Antônio [Pe.]. Sermão da Sexagésima.)

A metáfora do xadrez é explicada, no texto, com a seguinte figura de linguagem:

- a) hipérbole.
- b) antítese.
- c) repetição.
- d) rima.
- e) metonímia.

9. Murilo Mendes, em um de seus poemas, dialoga com a carta de Pero Vaz de Caminha:

"A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de oiro.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muito,
De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais
Diamantes tem à vontade
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçai, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.
Ficarei muito saudosos
Se for embora daqui".

MENDES, Murilo. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Arcaísmos e termos coloquiais misturam-se nesse poema, criando um efeito de contraste e compreendendo o gênero literário, como ocorre em:

- a) A terra é mui graciosa / Tem macaco até demais
- b) Salvo o devido respeito / Reforçai, Senhor, a arca
- c) A gente vai passear / Ficarei muito saudosos
- d) De plumagens mui vistosas / Bengala de castão de oiro
- e) No chão espeta um caniço / Diamantes tem à vontade

10. Texto I

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo claramente
Na vossa ardente vista o sol ardente,
e na rosada face a aurora fria;

Enquanto pois produz, enquanto cria
Essa esfera gentil, mina excelente
No cabelo o metal mais reluzente,
E na boca a mais fina pedraria.

Gozai, gozai da flor da formozura,
Antes que o frio da madura idade
Tronco deixe despido o que é verdura.

Que passado o zênite da mocidade,
Sem a noite encontrar da sepultura,
E cada dia ocaso da beldade.

(Gregório de Matos Guerra)

Glossário:

- zênite: ápice.

Texto II

Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deuses
Sujeitos ao poder do ímpio fado:
Apolo já fugiu do Céu brilhante,
Já foi pasor de gado.

Ah! enquanto os Destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos,

Um coração, que frouxo
A grata posse de seu bem difere
A si, Marília, a si próprio rouba,
E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores;
E façamos de feno um brando leito,
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa.
Também, Marília, morre.

(Tomás Antônio Gonzaga)

Glossário:

- 1) ímpio: impiedoso.
- 2) fado: destino.
- 3) ditoso: feliz.

O texto I é Barroco; o texto II é arcádico. Comparando-os, só não é correto afirmar que:

- a) Os barrocos e árcades expressam sentimentos.
- b) As construções sintáticas barrocas revelam um interior conturbado.
- c) O desejo de viver o prazer é dirigido à amada nos dois textos.
- d) Os árcades têm uma visão de mundo mais angustiada que os barrocos.
- e) A fugacidade do tempo é temática comum aos dois estilos.

Gabarito

1. C

De acordo com os períodos literários das alternativas:

- a) Fazer pouco fruto a palavra de Deus no mundo pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. (Pe. Antônio Vieira) – período barroco.
- b) Triste Bahia! ó quão dessemelhante / Estás e estou do nosso antigo estado, / Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado, / Rica te vi eu já, tu a mim abundante. (Gregório de Matos) – período barroco.
- c) Uma planta se dá também nesta Província, que foi da ilha de São Tomé, com a fruta da qual se ajudam muitas pessoas a sustentar a terra. [...] A fruta dela se chama banana. (Pero de Magalhães Gândavo) – período quinhentista, uma vez que a descrição era o foco da escrita.
- d) Vós haveis de fugir ao som de padre-nossos, / Frutos da carne infel, seios, pernas e braços, / E vós, múmias de cal, dança macabra de ossos! (Alphonsus de Guimaraens) – simbolismo.
- e) Os ritos semibárbaros dos Piagas, / Cultores de Tupã e a terra virgem / Donde como dum trono enfim se abriram / Da Cruz de Cristo os piedosos braços. (Gonçalves Dias) – romantismo.

2. B

O texto barroco faz uso do predomínio de figuras de linguagem, carregando um alto valor subjetivo, como também a presença de uma linguagem mais rebuscada. Já o arcadismo busca um discurso mais objetivo, junto a uma harmonização de ideias e uma linguagem mais simples, o que confirma a letra B. As outras alternativas (A, C, D e E) cultivam aspectos presentes na literatura barroca, escola anterior à literatura árcade.

3. A

As alternativas B, C, D e E não fazem relação com a estética árcade, uma vez que o misticismo só surge na temática literária em meados do século XIX, e não há características de predomínio nacionalista. Ademais, no poema, há a presença do convencionalismo amoroso, aspecto presente na literatura árcade e o eu lírico não aprofunda uma descrição de uma região específica, tampouco explora sobre o tema indianista. Com isso, percebemos que a letra A aborda sobre a qualidade do bucolismo, que consiste na referência ao ambiente campestre e na simplicidade da vida no campo, mas que pode proporcionar a felicidade pelos pequenos momentos.

4. C

O primeiro século da vida colonial brasileira ao qual o enunciado faz referência é o século XVI. Neste sentido, é importante lembrar que o período Quinhentista era marcado pela literatura informativa, que contribuiu para o acervo histórico-nacional, e a literatura jesuítica, com o intuito de apresentar aos índios os preceitos cristãos e preservar a fé nos colonos.

5. C

A literatura de catequese tinha como intuito a catequização dos índios e a educação espiritual dos colonos, o que confirma a letra C. Já na letra A, a literatura que apresenta cunho informativo, é a literatura da informação, com relatos da descoberta das terras brasileiras. A letra B e D também estão erradas, porque no território brasileira ainda não havia uma maturação clássica por parte dos escritores, tampouco a literatura jesuítica servia o poder real. As doses nacionalistas, expressa na letra E, só chegará nas futuras escolas literárias, a partir do século XIX.

6. E

Os sermões de Padre Antônio Vieira têm o intuito de persuadir os fiéis a uma determinada perspectiva, principalmente ao comparar valores cristãos. No texto, Vieira compara o sofrimento de Cristo com os escravos que trabalham nos engenhos, como evidenciam os trechos “Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo”, numa tentativa de justificar os maus-tratos sofridos e vivenciados pelos escravos.

7. A

O trecho dialoga com os lemas árcades “Aurea Mediocritas” e “Inutilia Truncat”, pois o eu lírico valoriza uma vida simples, no meio do ambiente natural e distante dos apegos materiais.

8. B

O texto de Antônio Viera é marcado pelo contraste de termos, como pode ser visto em “branco x negro”, “luz x sombra”, “desceu x subiu” e “dia x noite”.

9. A

Ao contrastar a linguagem formal, utilizada no período quinhentista, com a linguagem informal, característica vigente da época de Murilo Mendes, tem-se “a) A terra é mui graciosa / Tem macaco até demais”, uma vez que o primeiro verso contém termos da era colonial, enquanto o segundo utiliza da informalidade para quantificar os animais da terra.

10. D

Os dois textos abordam sobre a efemeridade do tempo e a necessidade de aproveitar o presente; o eu lírico dirige-se à amada (no texto I, Maria, e no texto II, Marília) para falar sobre os efeitos do tempo e expressar o desejo de viver intensamente. Portanto, a alternativa ‘d’ é a única incorreta, pois os árcades não têm uma visão angustiada sobre a vida, o que muitas vezes é uma característica Barroca, devido aos contrastes do movimento.

Romantismo: poesia da 1ª geração

Resumo

O Romantismo



Iracema, José Maria de Medeiros. (1881)

A primeira geração romântica é caracterizada como Nacionalista ou Indianista e tinha o intuito de despertar o sentimento de amor à pátria, uma vez que, após tantos anos de Brasil-Colônia, era necessário implantar um apego à terra tupiniquim e valorizar as belezas e os valores da região, ainda que de forma idealizada. Além disso, a imagem do índio é resgatada como a representação do herói nacional.

Contexto histórico

O contexto histórico da primeira geração é marcado pela transição do Brasil-Colônia para o Brasil-Império. Em 1822, com a Independência do Brasil, após tantos anos de o país vivendo como colônia, fez-se necessário criar uma arte vinculada às nossas raízes nacionais. Os principais acontecimentos e influências que marcam esse período são:

- Instalação da Corte Portuguesa no Brasil (1808);
- Abertura dos Portos;
- Chegadas das missões estrangeiras (científicas e culturais);
- Revolução Industrial;
- Era Napoleônica;
- Revolução Francesa.

Principais características do romantismo

Veja abaixo os principais aspectos sobre a escola romântica:

- Idealização amorosa;
- Sentimento nacionalista, culto à pátria;
- Fuga à realidade;
- Índio abordado de forma superficial, salvador da pátria;
- Linguagem subjetiva;
- Maior liberdade formal;
- Vocabulário mais simples;
- Natureza mais real, deixa de ser plano de fundo e interage com o eu lírico.

Na poesia, os nomes que mais se destacam são Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães.



Ferro e Carvão, William Bell Scott. (demonstração da Revolução Industrial)

Textos de apoio

Prólogo de “Suspiros poéticos e saudades”, obra inaugural do Romantismo no Brasil

É um Livro de Poesias escritas segundo as impressões dos lugares; ora assentado entre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos impérios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito como um átomo no espaço, ora na gótica catedral, admirando a grandeza de Deus, e os prodígios do Cristianismo; ora entre os ciprestes que espalham sua sombra sobre túmulos; ora enfim refletindo sobre a sorte da Pátria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida. São poesias de um peregrino, variadas como as cenas da Natureza, diversas como as fases da vida, mas que se harmonizam pela unidade do pensamento, e se ligam como os anéis de uma cadeia; poesias d'alma, e do coração, e que só pela alma e o coração devem ser julgadas.

Quem ao menos uma vez separou-se de seus pais, chorou sobre a campa de um amigo, e armado com o bastão de peregrino, errou de cidade em cidade, de ruína em ruína, como repudiado pelos seus; quem no silêncio da noite, cansado de fadiga, elevou até Deus uma alma piedosa, e verteu lágrimas amargas pela injustiça, e misérias dos homens; quem meditou sobre a instabilidade das coisas da vida, e sobre a ordem providencial que reina na história da Humanidade, como nossa alma em todas as nossas ações; esse achará um eco de sua alma nestas folhas que lançamos hoje a seus pés, e um suspiro que se harmonize com o seu suspiro.

(...)

Uma vez determinado e conhecido o fim, o gênero se apresenta naturalmente. Até aqui, como só se procurava fazer uma obra segundo a Arte, imitar era o meio indicado: fingida era a inspiração, e artificial o entusiasmo. Desprezavam os poetas a consideração se a Mitologia podia, ou não, influir sobre nós. Contanto que dissessem que as Musas do Hélicon os inspiravam, que Febo guiava seu carro puxado pela quadriga, que a Aurora abria as portas do Oriente com seus dedos de rosas, e outras tais e quejandas imagens tão usadas, cuidavam que tudo tinham feito, e que com Homero emparelhavam; como se pudesse parecer belo quem achasse algum velho manto grego, e com ele se cobrisse. Antigos e safados ornamentos, de que todos se servem, a ninguém honram!

Quanto à forma, isto é, a construção, por assim dizer, material das estrofes, e de cada cântico em particular, nenhuma ordem seguimos; exprimindo as ideias como elas se apresentaram, para não destruir o acento da inspiração; além de que, a igualdade dos versos, a regularidade das rimas, e a simetria das estâncias produz uma tal monotonia, e dá certa feição de concertado artifício que jamais podem agradar. Ora, não se compõe uma orquestra só com sons doces e flautados; cada paixão requer sua linguagem própria, seus sons imitativos, e períodos explicativos.

(Gonçalves de Magalhães)

Maraba

Eu vivo sozinha; ninguém me procura!

Acaso feita

Não sou de Tupá?

Se algum dentre os homens de mim não se esconde,

— Tu és, me responde,

— Tu és Marabá!

— Meus olhos são garços, são cor das safiras,

— Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;

— Imitam as nuvens de um céu anilado,

— As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:

"Teus olhos são garços,

Responde anojado; "mas és Marabá:

"Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,

"Uns olhos fulgentes,

"Bem pretos, retintos, não cor d'anajá!"

— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,

— Da cor das areias batidas do mar;

— As aves mais brancas, as conchas mais puras

— Não têm mais alvura, não têm mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delírios:

"És alva de lírios",

Sorrindo responde; "mas és Marabá:

"Quero antes um rosto de jambo corado,

"Um rosto crestado

"Do sol do deserto, não flor de cajá."

— Meu colo de leve se encurva engraçado,

— Como hástea pendente do cáctus em flor;

— Mimosa, indolente, resvalo no prado,

— Como um soluçado suspiro de amor! —

"Eu amo a estatura flexível, ligeira,

"Qual duma palmeira,

Então me responde; "tu és Marabá:

"Quero antes o colo da ema orgulhosa,

"Que pisa vaidosa,

"Que as flóreas campinas governa, onde está."

— Meus loiros cabelos em ondas se anelam,

— O oiro mais puro não tem seu fulgor;

— As brisas nos bosques de os ver se enamoram,

— De os ver tão formosos como um beija-flor!

Mas eles respondem: "Teus longos cabelos,

"São loiros, são belos,

"Mas são anelados; tu és Marabá:

"Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,

"Cabelos compridos,

"Não cor d'oiro fino, nem cor d'anajá."

E as doces palavras que eu tinha cá dentro

A quem nas direi?

O ramo d'acácia na frente de um homem

Jamais cingirei:

Jamais um guerreiro da minha arazóia

Me desprenderá:

Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,

Que sou Marabá!

(Gonçalves Dias)

Deprecação

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!

Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisam, e os campos e os rios
Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus:
Por que lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte, que vibram, são teus?

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco tupi!

E hoje em que apenas a enchente do rio
Cem vezes hei visto crescer e baixar...
Já restam bem poucos dos teus, qu'inda possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras,
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo coati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco tupi!

O Piaga nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição;
E os teus inda vagam por serras, por vales,
Buscando um asilo por ínvio sertão!

Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos,
Que eu vi combatendo no albor da manhã;
Conheçam-te os feros, confessem vencidos
Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupã!

(Gonçalves Dias)

Exercícios

1. "O indianismo dos românticos [...] denota tendência para particularizar os grandes temas, as grandes atitudes de que se nutria a literatura ocidental, inserindo-as na realidade local, tratando-as como próprias de uma tradição brasileira."

Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira*

Considerando-se o texto acima, pode-se dizer que o indianismo, na literatura romântica brasileira:

- a) procurou ser uma cópia dos modelos europeus.
- b) adaptou a realidade brasileira aos modelos europeus.
- c) ignorou a literatura ocidental para valorizar a tradição brasileira.
- d) deformou a tradição brasileira para adaptá-la à literatura ocidental.
- e) procurou adaptar os modelos europeus à realidade local.

2. A natureza, nessa estrofe:

"Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silêncio da noite o bosque exala."

Gonçalves Dias

Obs.: tamarindo = árvore frutífera; o fruto dessa mesma planta

bogari = arbusto de flores brancas

- a) é concebida como uma força indomável que submete o eu lírico a uma experiência erótica instintiva.
- b) expressa sentimentos amorosos.
- c) é representada por divindade mítica da tradição clássica.
- d) funciona apenas como quadro cenográfico para o idílio amoroso.
- e) é recriada objetivamente, com base em elementos da fauna e da flora nacionais.

3. Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho, à noite
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

DIAS, G. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1998.

Gonçalves Dias consolidou o romantismo no Brasil. Sua "Canção do exílio" pode ser considerada tipicamente romântica porque:

- a) apoia-se nos cânones formais da poesia clássica greco-romana; emprega figuras de ornamento, até com certo exagero; evidencia a musicalidade do verso pelo uso de aliterações.
- b) exalta terra natal; é nostálgica e saudosista; o tema é tratado de modo sentimental, emotivo.
- c) utiliza-se do verso livre, como ideal de liberdade criativa; sua linguagem é hermética, erudita; glorifica o canto dos pássaros e a vida selvagem.
- d) poesia e música se confundem, como artifício simbólico; a natureza e o tema bucólico são tratados com objetividade; usa com parcimônia as formas pronominais de primeira pessoa.
- e) refere-se à vida com descrença e tristeza; expõe o tema na ordem sucessiva, cronológica; utiliza-se do exílio como o meio adequado de referir-se à evasão da realidade.

4. **Releia “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (exercício 3) e em seguida leia o texto abaixo.**

Texto II

Canto de regresso à Pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase tem mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita
Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que eu veja a rua 15
E o progresso de São Paulo

ANDRADE, O. *Cadernos de poesia do aluno Oswald*. São Paulo: Círculo do Livro. s/d.

Os textos escritos em contextos históricos e culturais diversos, enfocam o mesmo motivo poético: a paisagem brasileira entrevista a distância. Analisando-os, conclui-se que:

- a) o ufanismo, atitude de quem se orgulha excessivamente do país em que nasceu, e o tom de que se revestem os dois textos.
- b) a exaltação da natureza é a principal característica do texto B, que valoriza a paisagem tropical realçada no texto A.
- c) o texto B aborda o tema da nação, como o texto A, mas sem perder a visão crítica da realidade brasileira.
- d) o texto B, em oposição ao texto A, revela distanciamento geográfico do poeta em relação à pátria.
- e) ambos os textos apresentam ironicamente a paisagem brasileira.

5. O homem de todas as épocas se preocupa com a natureza. Cada período a vê de modo particular. No Romantismo, a natureza aparece como:
- a) um cenário cientificamente estudado pelo homem; a natureza é mais importante que o elemento humano.
 - b) um cenário estático, indiferente; só o homem se projeta em busca de sua realização.
 - c) um cenário sem importância nenhuma; é apenas pano de fundo para as emoções humanas.
 - d) confidente do poeta, que compartilha seus sentimentos com a paisagem; a natureza se modifica de acordo com o estado emocional do poeta.
 - e) um cenário idealizado, onde todos são felizes e os poetas são pastores.

6. "Cantor das selvas, entre bravas matas
Áspero tronco da palmeira escolho,
Unido a ele soltarei meu canto,
Enquanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos, encontrados leques."

Os versos acima, de Os Timbiras, de Gonçalves Dias, apresentam características da primeira geração romântica:

- a) apego ao equilíbrio na forma de expressão; presença do nacionalismo, pela temática indianista e pela valorização da natureza brasileira.
 - b) resistência aos exageros sentimentais e à forma de expressão subordinada às emoções; visão da poesia a serviço de causas sociais, como a escravidão.
 - c) expressão preocupada com o senso de medida; "mal do século"; natureza como amiga e confidente.
 - d) transbordamento na forma de expressão; valorização do índio como típico homem nacional; apresentação da natureza como refúgio dos males do coração.
 - e) expressão a serviço da manifestação dos estados de espírito mais exagerados; sentimento profundo de solidão.
7. O indianismo de nossos poetas românticos é:
- a) uma forma de apresentar o índio em toda a sua realidade objetiva; o índio como elemento étnico da futura raça brasileira.
 - b) um meio de reconstruir o grave perigo que o índio representava durante a instalação da capitania de São Vicente.
 - c) um modelo francês seguido no Brasil; uma necessidade de exotismo que em nada difere do modelo europeu.
 - d) um meio de eternizar liricamente a aceitação, pelo índio, da nova civilização que se instalava.
 - e) uma forma de apresentar o índio como motivo estético; idealização com simpatia e piedade; exaltação da bravura, do heroísmo e de todas as qualidades morais superiores.

8. Sabiá

Vou voltar

Sei que ainda vou voltar

Para o meu lugar

Foi lá e é ainda lá

Que eu hei de ouvir

Uma sabiá

Vou voltar

Sei que ainda vou voltar

Vou deitar à sombra de uma palmeira

Que já não há

Colher a flor que já não dá

E algum amor talvez possa espantar

As noites que eu não queria

E anunciar o dia

Vou voltar

Sei que ainda vou voltar

Não vai ser em vão

Que fiz tantos planos de me enganar

Como fiz enganos de me encontrar

Como fiz estradas de me perder

Fiz de tudo e nada de te esquecer (...)

Tom Jobim e Chico Buarque

A canção “Sabiá” é apenas uma das inúmeras releituras e citações que o poema de Gonçalves Dias, “Canção do Exílio” recebeu a partir do Modernismo. Esse poeta pertenceu à 1ª geração do Romantismo Brasileiro. Nas opções abaixo, assinale a única que não apresenta características desse estilo de época.

- a) Nacionalismo, onde a exaltação da pátria somente enaltece as qualidades
- b) Exaltação da natureza
- c) Sentimentalismo e religiosidade
- d) Indianismo
- e) Conceptismo (jogo de ideias) e cultismo (jogo de palavras)

9. Contemporâneo de Manuel Antônio de Almeida, Gonçalves Dias escreveu, em um de seus poemas:

No meio das tabas de amenos verdores,

Cercada de troncos - cobertos de flores,

Alteiam-se os tetos d’altiva nação (...)

Assinale a afirmação correta sobre o poeta.

- a) Sua poesia indianista expressa concepção lírica e épica das nossas origens, reafirmando, no Brasil, os propósitos nacionalistas do Romantismo.
- b) O embate entre o bem e o mal, típico tema romântico, assume para ele a forma da luta do oprimido contra o opressor, o que lhe permitiu uma visão ampla e humana do escravo.
- c) Sua poesia confessional, ao gosto do público médio de seu tempo, alia, de maneira singela, a natureza e os sentimentos, como se vê nos versos citados.
- d) Sua concepção de arte deu origem a poemas em que a linguagem verbal busca reproduzir objetiva e realisticamente objetos decorativos, como um vaso chinês ou uma estátua grega.
- e) Em seus poemas, perde-se o rigor parnasiano, e o intenso trabalho com a sonoridade busca a liberação dos sentidos, “cárcere das almas”, que impede o acesso ao Nirvana.

10. Assinale a alternativa cujos termos preenchem corretamente as lacunas do texto inicial.

Foi característica das preocupações do poeta tomar como protagonista de seus poemas a figura do, afirmando em seu caráter heroico, em sua bravura, em sua honra – qualidades que a rigor o identificavam com o mais digno dos cavaleiros medievais.

- a) nacionalistas – Gonçalves Dias – índio brasileiro.
- b) mistificadoras – Álvares de Azevedo – sertanejo solitário.
- c) cosmopolitas – Castro Alves – operário nordestino.
- d) ufanistas – Monteiro Lobato – caipira paulista.
- e) regionalistas – João Cabral de Melo Neto – trabalhador rural.

Gabarito

1. **E**
Apesar de ser um movimento que tinha tendências nacionalistas e de valorização à pátria, o indianismo romântico europeizava o índio brasileiro, porque a arte daquela época ainda era moldada pelas vertentes europeias.
2. **B**
Característica típica dos românticos era utilizar a natureza como elemento expressivo dos sentimentos do eu-lírico.
3. **B**
A alternativa B expressa as características românticas contidas na música. Há um forte sentimento de saudade e uma ânsia por voltar para a terra natal que é hiperbolicamente melhor do que as terras de exílio.
4. **C**
O texto de Gonçalves Dias é idealizado e romântico. O texto 2, de Oswald de Andrade, é modernista e apresenta uma visão mais crua da realidade brasileira.
5. **D**
A natureza era elemento recorrente nas poesias românticas, porque os poetas a modificavam de acordo com seus estados emocionais.
6. **A**
A própria alternativa se justifica, por apresentar as características da primeira fase romântica. Assim, a voz do canto do eu-lírico se unifica com a vivacidade presente no ambiente, fato que entrelaça o sentimentalismo em face ao ambiente natural.
7. **E**
A própria alternativa se justifica ao apresentar como e por qual razão o índio tornou-se símbolo para a primeira geração romântica.
8. **E**
Com exceção da alternativa E, que corresponde ao jogo de palavras e ideias utilizado pela arte barroca em relação ao paradoxo entre fé e razão, todas as demais alternativas correspondem ao processo da arte romântica.
9. **A**
A alternativa se justifica ao mostrar a característica indianista-nacionalista marcante da primeira geração romântica, uma vez que é uma das principais marcas da escola literária.
10. **A**
A 1ª Geração Romântica, também conhecida como Nacionalista ou Indianista foi influenciada pelo contexto histórico da época, que buscou criar uma identidade brasileira por meio da figura nativa: o índio. Gonçalves Dias foi um dos principais autores dessa geração a retratar essa realidade idealizada. Já as outras alternativas não fazem referência à 1ª Geração Romântica e trazem aspectos incorretos.

Romantismo: poesia da 2ª e 3ª geração

Resumo

Entender o contexto do Romantismo a cada geração é fundamental, a fim de observar como ocorreu uma transformação de ideias e sentimentos por parte do eu lírico. A linguagem subjetiva e o sentimentalismo prevalecem. Entretanto, a geração Ultrarromântica desvincula-se dos acontecimentos de mundo e focaliza em suas emoções, enquanto que posteriormente, na geração Condoreira, a poesia carrega um valor mais social.

2ª Geração Romântica

“Se na década de 40 amadureceu a tradição literária nacionalista, nos anos que lhe seguiram, ditos da “segunda geração romântica”, a poesia brasileira percorrerá os meandros do extremo subjetivismo, à Byron e à Musset. A Iguns poetas adolescentes, mortos antes de tocarem a plena juventude, darão exemplo de toda uma temática emotiva de amor e morte, dúvida e ironia, entusiasmo e tédio”.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. Ed Cultrix 52ª Edição, 2018.

Com inspiração nas obras dos poetas Lord Byron e Goethe, a Segunda Fase do Romantismo, conhecida também como “mal do século” é caracterizada pelo alto sentimentalismo. Algumas décadas depois da independência do Brasil, os poetas começaram a se desvincular do compromisso com a nacionalidade, exaltado na geração anterior e, com isso, há uma expressão maior de seus sentimentos, numa posição egocêntrica de desinteresse ao contexto histórico.

Os ideais da Revolução Francesa - grande marco para o início do Romantismo na Europa -, “liberdade, igualdade e fraternidade” já não eram mais propagados com a mesma força e, nesse período, o homem passa a desacreditar nesses valores. Há um enorme sentimento de insatisfação com o mundo, um “desencaixe” do ser humano com a vida, uma sensação de falta de conexão com a realidade. Tudo isso provoca um pessimismo no eu-lírico, causando uma aproximação com a morte e atração pelo elemento noturno/obscuro.

Características principais:

- Pessimismo;
- Atração pela noite/noturno;
- Sentimentalismo;
- Fuga à realidade;
- Idealização amorosa;
- A amada/musa inatingível;
- Figura feminina representando a pureza – anjo, criança, virgem;
- Idealização do amor x medo de amar.

Dentre os principais autores da época, podemos citar: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire.

Textos de apoio

Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
De despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor!
Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d’estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!
Oh! dias de minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!

Morte (hora de delírio)

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dois fantasmas que a existência formam,
– Dessa alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

(...)
Amei-te sempre: – e pertencer-te quero
Para sempre também, amiga morte.
Quero o chão, quero a terra – esse elemento;
Que não se sente dos vaivéns da sorte.

(...)
Também desta vida à campa

Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!
Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
– Pés descalços, braços nus –
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!
Naqueles tempos ditosos
la colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!
[...]
Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
– Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu

Não transporto uma saudade.
Cerro meus olhos contente
Sem um ai de ansiedade.

E como um autômato infante
Que ainda não sabe mentir,
o pé da morte querida
ei de insensato sorrir.

Por minha face sinistra
Meu pranto não correrá.
Em meus olhos moribundos
Terroros ninguém lerá.

Não achei na terra amores
Que merecessem os meus.
Não tenho um ente no mundo
A quem diga o meu – adeus.

3ª Geração Romântica

Enquanto a Primeira Fase Romântica apresentava uma preocupação com a construção da identidade nacional, e a Segunda Fase se voltava para o egocentrismo e pessimismo do indivíduo, a Terceira Fase do Romantismo – conhecida como Geração Condoreira – exibiu um desejo de renovação da sociedade brasileira. Questionadora dos ideais da primeira geração, o condoreirismo teve muito engajamento político-social, denunciando as condições dos escravos. Os poetas dessa geração reivindicavam uma poesia social com valores de igualdade, justiça e liberdade.

Principais características:

- poesia social e libertária
- geração “hugoana/hugoniana”
- identidade nacional
- abolicionismo
- identidade africana como parte da identidade brasileira
- negação ao amor platônico
- erotismo e pecado

Dentre os principais autores da época, podemos citar: Castro Alves (o poeta dos escravos) e Sousândrade.



Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Navio_negreiro_-_Rugendas_1830.jpg

O adeus de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, corando, murmurou-me: "adeus."

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...
E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram tempos... sec'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse – "Voltarei! ... descansa! ..."
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei... era o palácio em festa! ...
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei! ... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa! ...

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Castro Alves

Canto IV

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da roda fantástica a serpente
Faz doudas espirais!
Qual num sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

Castro Alves

Exercícios

1. Eu deixo a vida com deixa o tédio
Do deserto o poeta caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um mineiro.

Esses versos de Álvares de Azevedo significam a:

- a) revolta diante da morte.
- b) aceitação da vida como um longo pesadelo.
- c) aceitação da morte como a solução.
- d) tristeza pelas condições de vida.
- e) alegria pela vida longa que teve.

2. Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Álvares de Azevedo

A característica do Romantismo mais evidente nesta quadra é:

- a) o espiritualismo
- b) o pessimismo
- c) a idealização da mulher
- d) o confessionalismo
- e) a presença do sonho

3. Nos versos, evidenciam-se as seguintes características românticas:

Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

(Casimiro de Abreu)

- a) nacionalismo e religiosidade.
- b) sentimentalismo e saudosismo.
- c) subjetivismo e condoreirismo.
- d) egocentrismo e medievalismo.
- e) byronismo e idealização do amor

4.



MARTIN-KAVEL, François. Sem título. Disponível em: <http://7dasartes.blogspot.com.br/2012/05/romanticas-e-encantadoras-pinturas-de.html>. Acesso em: 14. mar. 2016.

É ela! é ela! — murmurei tremendo,
e o eco ao longe murmurou — é ela!
Eu a vi... minha fada aérea e pura
— a minha lavadeira na janela.

Dessas águas furtadas onde eu moro
eu a vejo estendendo no telhado
os vestidos de chita, as saias brancas;
eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido, nas telhas que
estalavam nos meus passos,
ir espiar seu venturoso sono,
vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!

AZEVEDO, Álvares de. É ela! É ela! É ela! É ela. In: Álvares de Azevedo. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 44. MARTIN-KAVEL, François. Sem título. Disponível em: . Acesso em: 14. mar. 2016.

Tanto a pintura quanto o excerto apresentados pertencem ao Romantismo. A diferença entre ambos, porém, diz respeito ao fato de que

- a) no fragmento verifica-se o retrato de um ser idealizado, ao passo que no quadro tem-se uma figura retratada de modo pejorativo.
- b) na pintura tem-se o retrato de uma mulher de feições austeras, ao passo que no poema nota-se a descrição de uma mulher sofisticada.
- c) no excerto tem-se a descrição realista e não idealizada de uma mulher, ao passo que na pintura retratase uma mulher pertencente à burguesia.
- d) na imagem tem-se uma moça cuja caracterização é abstrata, ao passo que no poema tem-se uma mulher cujo aspecto é burguês e requintado.
- e) no quadro constata-se a imagem de uma moça simplória, ao passo que no poema nota-se a caracterização de uma donzela de vida airada.

5. Soneto

Oh! Páginas da vida que eu amava,
Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...
Ardei, lembranças doces do passado!
Quero rir-me de tudo que eu amava!

E que doido que eu fui! como eu pensava
Em mãe, amor de irmã! em sossegado
Adormecer na vida acalentado
Pelos lábios que eu tímido beijava!

Embora — é meu destino. Em treva densa
Dentro do peito a existência finda
Pressinto a morte na fatal doença!

A mim a solidão da noite infinda
Possa dormir o trovador sem crença.
Perdoa minha mãe — eu te amo ainda!

AZEVEDO, A. Lira dos vinte anos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

A produção de Álvares de Azevedo situa-se na década de 1850, período conhecido na literatura brasileira como Ultrarromantismo. Nesse poema, a força expressiva da exacerbação romântica identifica-se com a(o)

- a) amor materno, que surge como possibilidade de salvação para o eu lírico.
- b) saudosismo da infância, indicado pela menção às figuras da mãe e da irmã.
- c) construção de versos irônicos e sarcásticos, apenas com aparência melancólica.
- d) presença do tédio sentido pelo eu lírico, indicado pelo seu desejo de dormir.
- e) fixação do eu lírico pela ideia da morte, o que o leva a sentir um tormento constante.

6. O trecho a seguir é parte do poema “Mocidade e morte”, do poeta romântico Castro Alves:

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
— Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida.
Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.

ALVES, Castro. Os melhores poemas de Castro Alves. Seleção de Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983.

Esse poema, como o próprio título sugere, aborda o inconformismo do poeta com a antevisão da morte prematura, ainda na juventude.

A imagem da morte aparece na palavra

- a) embalsama.
- b) infinito.
- c) amplidão.
- d) dormir.
- e) sono

7. A São Paulo

Terra da liberdade!
Pátria de heróis, berço de guerreiros,
Tu és o louro mais brilhante e puro,
O mais belo florão dos Brasileiros!

Foi no teu solo, em borbotões de sangue
Que a fronte ergueram destemidos bravos,
Gritando altivos ao quebrar dos ferros:
Antes a morte que um viver de escravos!

Foi nos teus campos de mimosas flores,
À voz das aves, ao soprar do norte,
Que um rei potente às multidões curvadas
Bradou soberbo – Independência ou morte!

Foi de teu seio que surgiu, sublime,
Trindade eterna de heroísmo e glória,

Cujas estátuas, – cada vez mais belas,
Dormem nos templos da Brasília história!

Eu te saúdo, ó majestosa plaga.
Fila dileta, – estrela da nação,
Que em brios santos carregastes os círios
À voz cruenta de feroz Bretão!

Pejaste os ares de sagrados cantos,
Ergueste os braços e sorriste à guerra,
Mostrando ousada ao murmurar das turbas
Bandeira imensa da Cabralia terra!

Eia! – Caminha o Partenon da glória
Te guarda o louro que premia os bravos!
Voa ao combate repetindo a lenda:
– Morrer mil vezes que viver escravos!
Fagundes Varela, O estandarte auriverde

A escolha do tema e o gosto da eloquência e da oratória aproximam esse texto da poesia romântica de:

- a) Gonçalves Dias
- b) Castro Alves
- c) Álvares de Azevedo
- d) Casimiro de Abreu
- e) Sousândrade.

8. Sobre a literatura produzida por Castro Alves, assinale as alternativas corretas:

- I. Representa, na evolução da poesia romântica brasileira, um momento de maturidade e transição, substituindo temáticas ufanistas e de idealização do amor por temáticas mais críticas e realistas;
 - II. Sua produção literária estava voltada ao projeto de construção da cultura brasileira, dando destaque ao romance indianista;
 - III. Desprezou o rigor das regras gramaticais, aproximando a linguagem literária da linguagem falada pelo povo brasileiro;
 - IV. A ironia era um traço constante em sua obra, representando uma forma não passiva de ver a realidade, tecendo uma fina crítica à noção de ordem e às convenções do mundo burguês;
 - V. Apresenta uma linguagem voltada para a defesa de seus ideais liberais e, por isso, é grandiosa e hiperbólica, renunciando a perspectiva crítica e objetiva do Realismo.
- a) Todas as alternativas estão corretas.
 - b) Apenas I está correta.
 - c) Apenas III e V estão corretas.
 - d) Apenas I e V estão corretas.
 - e) Apenas V está correta.

9. Navio negreiro-framentos

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...
São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . .

(...)

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Dus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que imudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto

Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

ALVES, Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.
pp. 281-283

O texto I é um fragmento do poema "Navio negreiro", de 1868, sobre o tráfico de escravos no Brasil. Por meio desse poema, o autor faz uma crítica à sociedade brasileira e à política do Império, responsáveis pela manutenção de um regime escravista. A figura que sustenta metaforicamente essa crítica é:

- a) a bandeira nacional.
- b) a providência divina.
- c) a força da natureza.
- d) a inspiração da musa.
- e) a nobreza dos selvagens.

10. Poeticamente, o sal metaforiza o mar, as lágrimas, a força de viver. Castro Alves, em sua obra poética, lança mão desse recurso para unir arte e crítica social. Observe os fragmentos:

Fragmento 1 – “A Canção do Africano”

Lá, na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

CASTRO ALVES, 1995, p. 100.

Fragmento 2 - “O Navio Negreiro”

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus...
O mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

CASTRO ALVES, 1995, p. 137.

Em relação a esses versos, é possível AFIRMAR:

- I. O canto, as saudades e o pranto do escravo, no primeiro fragmento, são decorrentes do cativeiro resultante da escravidão, situação aviltante ao ser humano.
- II. O “horror perante os céus” a que se refere o eu lírico, no segundo fragmento, corresponde ao tráfico de escravos, mácula sociomoral que envergonha o Brasil.
- III. Em ambos os fragmentos, a crueldade da escravidão se faz presente.

Está(ão) CORRETA(S) a(s) afirmativa(s)

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e II apenas.
- d) I, II e III.

Gabarito

1. **C**
A morte é tema recorrente na segunda geração romântica, vista muitas vezes como a única saída para as decepções e limitações da vida.
2. **C**
No poema, podemos ver que a mulher amada pelo eu lírico é caracterizada como virgem e de face lida. Isso demonstra uma idealização feminina, característica marcante dessa época.
3. **B**
No poema de Casimiro de Abreu, conseguimos perceber a apresentação de sentimentos do eu lírico e um sentimento de saudosismo à infância. No Romantismo, era muito comum os autores produzirem uma fuga imaginária frente à realidade de suas vidas, com isso, a infância era um dos momentos mais retomados, que lembrava a pureza e inocência da época.
4. **C**
As demais alternativas estão incorretas porque não há tom pejorativo na descrição da mulher, ela é idealizada; em relação à pintura, a mulher é delicada e de feições leves, no poema, ela é descrita como uma lavadeira na lida, além de não ser abstrata, contém um certo realismo por ser um retrato;
5. **E**
Entre as principais características Românticas da Segunda Geração, encontram-se destacados o culto à noite e a valorização da morte no poema de Álvares de Azevedo. Na última estrofe, percebemos que o eu lírico se despede da mãe, como se a morte o fosse certa e próxima.
6. **E**
"lájea fria" representa a sepultura, por isso o sono é a representação suavizada, portanto com a figura de linguagem "eufemismo", para a morte.
7. **B**
Lembra Castro Alves porque ele foi um autor da 3ª Geração romântica que, em seus textos, apresentava forte engajamento político, temática da escravidão e possuía recursos estilísticos de oratória bem aprimorados.
8. **D**
A literatura de Castro Alves representou uma ruptura com o ultrarromantismo e denunciou mazelas sociais como, principalmente, a escravidão.
9. **A**
A bandeira nacional é evocada por representar a nação e o povo brasileiro responsável pela manutenção da escravidão.
10. **D**
No primeiro fragmento, a condição do escravo é humilhante ao ser retratado chorando com saudade de suas terras. Além disso, todos os fragmentos tratam sobre a escravidão.